



**Coleção**  
**Literatura**



# A BRASILEIRA DE PRAZINS

## Camilo Castelo Branco

### INTRODUÇÃO

Entre as diversas moléstias significativas da minha velhice, o amor aos livros antigos – a mais dispendiosa – leva-me o dinheiro que me sobra da botica, onde os outros achaques me obrigam a fazer grandes orgias de pílulas e tisanas. E, quando cuido que me curo com as drogas e me ilustro com os arcaísmos, arruíno o estômago, e enferrujo o cérebro numa caturrice académica.

Constou-me aqui há dias que a Sr<sup>a</sup> Joaquina de Vilalva tinha um gigo de livros velhos entre duas pipas na adega, e que as pipas, em vez de malhais de pão, assentavam sobre missais, O meu informador denomina *missais* todos os livros grandes; aos pequenos chama *cartilhas*. Mandeí perguntar à Sr<sup>a</sup> Joaquina se dava licença que eu visse os livros. Não só mos deixou ver, mas até mos deu todos – que escolhesse, que levasse.

Examinei-os com alvoroço de bibliómano. Eles, gordurosos, húmidos, empoeirados, pareciam-me sedutores como ao leitor delicadamente sensual se lhe afigura a face da mulher querida, oleosa de *cold-cream*, pulverizada de bismuto.

Havia sermonários latinos, um *Marco Marullo*, três retóricas, muitas teologias morais, um *Euclides*, comentários de versões literais de Tito Lívio e Virgílio. Deixei tudo na benemérita podridão, tirante uma versão castelhana do mantuano por Diego Lopez e um muito raro *Entendimento literal e canstrvi çam portugueza de todas as obras de Horacio, por industria de Francisco da Costa*, impresso em 1639.

Disse-me a dadivosa viúva de Vilalva que os livros

estavam na adega havia mais de trinta anos, desde que seu cunhado, que estudava para padre, morrera ético; que o seu homem – Deus lhe fale na alma – mandara calcar o quarto onde o estudante acabara, e atirou para as lojas tudo o que era do defunto – trastes, roupa e livralhada. Contou-me isto secamente do extinto cunhado, ao mesmo tempo que roçava com a mão fagueira o ventre grávido de uma gata maltesa que lhe resbunava no regaço, passando-lhe pela cara a cauda em atritos de ama flacidez de arminho. E eu que dedico aos bichos um afecto nostálgico, uma sensibilidade retroactiva, um atavismo que me retrocede aos meus saudosos tempos de gorilha, olhava para a gata que me piscava um olho com uma meiguice antiga – a das meninas da minha mocidade que piscavam. Onde isto vai!

A Sr<sup>a</sup> Joaquina, para me obrigar a um eterno reconhecimento, ofereceu-me uma das crias da sua gata que andava para cada hora e se chamava *Velhaca* – ajuntou com a satisfação de quem completa um esclarecimento interessante. Agradei o porvindouro filho da *Velhaca*, fiz uma carícia no dorso crespo da mãe, que me recebeu familiarmente, e sai com os livros velhos empacotados em duas bulas de 1816 e 1817 que a Sr<sup>a</sup> Joaquina, com um riso céptico indisciplinado, me disse serem do tempo dos Afonsinhos. – Porque o seu sogro, acrescentou, era um asno às direitas que comprava a bula para poder comer carne em dia de jejum; e, sem que eu a provocasse a vomitar heresias, disse que os padres vendiam a bula e compravam a carne; e, juntando è heresia um anexim de limpeza muito duvidosa, disse o que quer que fosse a respeito dos pecados que entram pela boca.

Depois informaram-me que esta viúva, bastante estragada no moral e ainda mais no físico, andara de amores ilícitos com um escrivão do juiz de paz, o Barroso, um dos 7500 do Mindelo, que lera o *Bom senso* do cura João Meslier, e a saturara de má filosofia, e também a esbulhara de parte dos

seus bens de raiz e do melhor da sua

riqueza – a Fé, o bordão com que as velhas e os velhos caminham resignados e contentes para os mistérios da eternidade.

\*

Logo que cheguei a casa, entrei a folhear as páginas dos dois livros, preparado para o dissabor de encontrá-los mutilados, defeituosos, com folhas de menos, comidas pelas ratazanas colaboradoras roazes do galicismo na ruína da boa linguagem quinhentista. *Folheei o Entendimento literal e construí çam* até páginas 154, e aqui achei um quarto de papel almaço amarelecido, com umas linhas de letra esbranquiçada, mas legível e regularmente escrita. O conteúdo do papel, onde se conheciam vincos de dobras, era o seguinte:

*José, teu irmão, quando eu hoje saia da igreja, onde fui pedir a Nossa Senhora a tua vida ou minha morte, disse-me que eu não tardaria a pedir a Deus pela tua alma. Eu já não posso chorar mais nem rezar. Agora o que peço a Deus é que me leve também. Se não morrer, endoideço. Perdoa-me, José, e pede a Deus que me leve depressa para ao pé de ti.*

Não é preciso ser a gente extraordinariamente romântica para interessar-se, averiguar, querer notícias das duas pessoas que têm nestas linhas uma história qualquer, mais ou menos vulgar. Ocorreu-me logo que o estudante, a quem o livro pertencera, tinha morrido na flor dos anos. Além disso, na margem superior do frontispício do volume, está escrito o nome do possuidor – *José Dias de Vilalva*, e a carta é dirigida a um José. Concluí ser o cunhado da viúva quem recebera a carta.

Voltei a casa da Sr<sup>a</sup> Joaquina, muito açodado, como um

antropologista que procura um dente pré-histórico, e perguntei-lhe se o seu cunhado se chamava José Dias; e se tinha alguma conversada, quando morreu. – Que sim, que o cunhado era José Dias e que morrera pela Maria da Fonte.

– Pois ele amou a Maria da Fonte? – perguntei com ardente curiosidade histórica, para esclarecer a minha pátria com um episódio romanesco das suas guerras civis. Ela sorriu e respondeu:

– Agora! Quer dizer que o meu cunhado morreu quando por aí andavam os da Maria da Fonte a tocar os sinos e a queimar a papelada dos escrivães, sabe vossemecê? Acho que foi então ou por perto. – E juntou: – Ele gostava aí muito de uma moça, isso é verdade. Era a Marta...

– Marta? – disse eu com a satisfação de ver confirmada a assinatura do bilhete.

– Vossemecê conhece-a?

— Não conheço.

– É a brasileira de Prazins, a mulher do Feliciano da Retorta, que tem quinze quintas entre grandes e pequenas.

– Bem sei; mas nunca vi essa mulher.

– Não que ela nunca sai do quarto; está assim a modos de atolambada há muito tempo. Credo! há muitos anos que a não vejo. Dá-lhe a gota, salvo seja, e estrebucha como se tivesse coisa má no interior. É uma pena. Não sabe o que tem de seu. O Feliciano é o homem mais rico destes arredores, e vivem como os cabaneiros, de caldo e pão de milho. Ele quando vai ao Porto receber um alqueire de soberanos que lhe vem do Brasil todos os anos, vai a pé, e mete ao bolso umas côdeas de boroa e quatro maçãs para não ir à estalagem.

Interrompi com interesse de artista:

– Disse-me que ela endoidecera. Foi logo depois da morte do seu cunhado?

– Isso já me não escordo. Quando eu vim casar para aqui já meu cunhado tinha morrido. O que me lembra é dizer-me o meu defunto, que Deus tem, que o rapaz ganhou

doença do peito por mor dela. Esses casos há muita gente que lhos conte. Há por aí muito homem do seu tempo. Pergunte isso ao Senhor Reitor de Caldelas que andou com ele nos estudos e sabe todas essas trapalhadas. – E num tom de notícia festival: – Olhe que o gatinho nasceu esta noite; lá lho mando assim que estiver criado.

Quer que lhe corte as orelhas e o rabito?

–Faça-me o favor de lhe não cortar nada.

Eu tinha lido, dias antes, a judiciosa crítica de uma dama inglesa à nossa costumeira de desorelhar e derrabar gatos. Ela, *lady Jackson*, escreve que lhe fazem compaixão os pobres bichanos que, sem cauda nem orelhas, estão como que envergonhados de si mesmos. Excelente senhora!

\*

Pedi que me apresentassem ao reitor de Caldelas na feira de Santo urso. Achei-lhe um semblante convidativo, animador a entabular-se com ele uma indagação de curiosidades sentimentais.

Fazia respeitável a sua batina sem nódoas o padre Osório. Parece que também as não tem na vida. Passa por ser um velho triste, que não teve mocidade, nem as ambições que suprem os doces afectos do coração mutilados pelo cálculo ou congelados pelo temperamento. Há trinta e dois anos que pastoreia uma das mais pobres freguesias

do arcebispado. Pregou alguns anos com aplauso dos entendidos e inutilidade dos pecadores. A retórica é a arte de falar bem; mas os vícios são a arte de viver bem e alegremente. Assim se pensa, embora não se diga.

Como pregava gratuitamente, o vigário de Caldelas era chamado por todos os mordomos e confrarias festeiras. Quando se esgotavam os panegíricos dos santos mais ou menos hipotéticos, pediam-lhe que pregasse da cura milagrosa de umas maleitas ou de um leicenço – casos que a pobre